

Sonho da voz do meu filho

Anunciei no Brasil o título do meu novo romance, a sair em setembro: *O filho de mil homens*. E fiz mais. Expliquei que chegava nesse mesmo mês aos 40 anos e que me anda na cabeça a ideia de ter um filho. Foi porque o tenho pensado e discutido muito e foi porque em Paraty me receberam tão bem que não me aguentei. Queria ter apresentado o título de outra forma, no entanto, nenhuma seria mais perfeita do que a incapacidade de conter a verdade.

Aconteceu que, depois de brevemente me explicar, gente se me propôs para todos os graus de, direi, aproximação física, com maior ou menor empenho espiritual. Achei lindo e não me podiam homenagear melhor, embora me apelassem à vergonha, e muitas mulheres conseguissem corar-me bem corado.

Entre propostas brincalhonas e outras enternecidas, as muito sérias também as recebi mesmamente encantado, muito surpreso. Eu tenho andado nestas crônicas a carpir o quanto me acho feio, o quanto tenho ficado mais feio ainda, e o quanto me parece a minha maturidade uma galopante degeneração. Mas no Brasil, esquisito, fiquei bonitinho, senti-me bonitinho, embora tenha de confessar que o ritmo das entrevistas me deixou comer pouco e foi bem mais fácil encolher a barriga. Não é nada isto que me interessa agora, estou a perder-me muito.

Vou publicar o *Filho de mil homens* e chego aos 40 anos com a sensação de precipitação pelo tempo fora e sei que precipitado não tem qualquer viabilidade para um filho. Seria o pior, ou o mais ausente, dos pais.

O Crisóstomo, personagem principal do novo livro, espera numa casa e o seu tempo é passado a criar espaço. Eu. Sem dar muita conta disso, passo, não espero, não tenho espaço. É rigorosamente a mesma coisa que não ter tempo. Mas fica a vontade e a consciência exata da perda, ou então a consciência da falta do que ainda não tive e, de alguma forma, já perdi.

No Brasil, confesso, apeteceu-me dizer que sim a uma quantidade grande de moças. Pelo bonito dos seus gestos e pelo quanto me parece que só uma surpresa resolve o meu impasse, que o mesmo é dizer, a precipitação tempo fora, como sem tempo, sem criar espaço. Um pouco ao acaso, como se fosse ao acaso que o destino se compõe. Também é verdade que não acredito nada no destino. Prefiro pensar que estamos à deriva e que de vez em quando algumas coincidências acontecem, quem sabe para sorte nossa, como se fossem coisas reservadas só para nos fazerem pensar, como c rentes, na possibilidade se sermos felizes.

Ando a conversar muito com o meu sobrinho afilhado de quatro anos, o Eduardo, e ele explica muito bem a vida. Senta-se pelo tempo que for preciso e diz-me tudo quanto é fundamental saber. Brincar, comer estrelitas estaladiças, ter um relógio do Faísca McQueen, ver a Ovelha Xoné. Quando fico com o Eduardo acabo por brincar, comer estrelitas estaladiças, conferir as horas no relógio do Faísca McQueen e ver sortindo a maravilhosa Ovelha Xoné. Parecem-me, as tardes de segunda-feira, os momentos mais perfeitos.

Se eu tivesse um filho, por definição, ele existiria mais do à segunda-feira à tarde e eu talvez pudesse gostar muito de passar as terças-feiras do mesmo modo, a ser só um homem num momento perfeito. Mas talvez me custasse a perfeição na quarta-feira, a pensar que os meus livros são também o lado angustiado das coisas e que ver um Fellini me impressiona tanto quanto a Ovelha Xoné, e fazem-me falta tantas outras coisas. Na verdade, eu acredito que não tenha jeito nenhum para ser pai de alguém e acredito que ser pai é uma tarefa impossível.

O bebé da Susana e do Nelson nasceu. Conto tudo, prometo. É um repolhinho de gente muito direitinho e sossegado, a encorrihar-se às vezes como a sentir que o tiraram da boa cama onde estava. Parece uma coisinha tão fácil de meter no bolso e levar para casa que não devia dar medo. Mas o certo é que dá. Embora esteja só metido em roupinhas quentes, ele é uma semente dentro das roupinhas quentes e dos abraços dos pais e vai crescer das roupinhas e dos abraços com tamanho e palavras e aquela coisa todas do destino ou do acaso que nos destina. A mim, que sou medricas por todos os lados no que respeita aos afetos, deixa-me de rastos transferir-me para o lugar do pai. Queria muito fazê-lo mas dá-me medo demasiado fazê-lo. Como se fosse um aviso: salvem esta criança, o pai é um incapaz, só serve para a literatura e para desperdícios semelhantes.

No Brasil, naquela festa toda incrível de Paraty, andei a olhar para as pessoas a imaginar-me numa viagem da minha vida. Acho que decidi tratar do assunto ao regressar a Portugal. Depois, acho que decidi que estava maluco. Entretanto voltei e parece-me que *O filho de mil homens* é, bastante, a solução que me inventei. Não serve para nada, como sempre nas minhas maiores soluções. Serve só para que eu me iluda e me adie mais, sempre viciado em palavras para que o que elas significam não se torne impossível de ser redito, contornado para melhor discurso, como se um melhor discurso fosse já uma criança inteira e não apenas o sonho da sua voz. O filho de mil homens é o sonho da minha e da voz do meu filho, sem ser autobiográfico, apenas uma ilusão. As ilusões não são da nossa biografia, acho. Talvez.

valter hugo mãe

in *Jornal de Letras*, edição de 27 de julho a 9 de agosto de 2011